

**COMVEST**  
Comissão Permanente para os Vestibulares

2008  
vestibular nacional  
**UNICAMP**

**2ª Fase**

**Língua Portuguesa e  
Literaturas de Língua Portuguesa**

# LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

## INTRODUÇÃO

Como em anos anteriores, em 2008, a prova de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa procurou avaliar a relação do candidato com diferentes aspectos da linguagem.

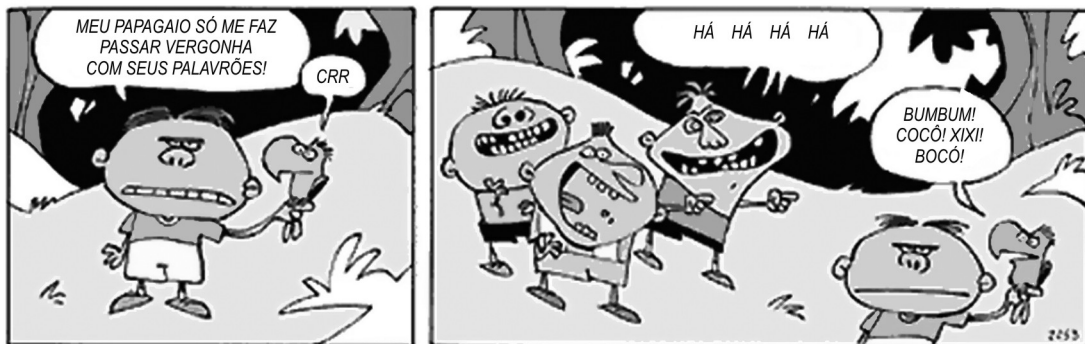
As questões de Língua Portuguesa focalizaram o funcionamento da linguagem, a fim de avaliar o conhecimento relativo aos processos de significação e às várias possibilidades de formulação da escrita.

Já as questões de Literatura voltaram-se para a análise literária, com o intuito de avaliar a leitura e interpretação das obras constantes da lista divulgada previamente.

Nas páginas que se seguem, apresentamos as questões da prova desse ano, acompanhadas das respostas esperadas e de dois exemplos de resoluções – um que obteve nota abaixo da média e outro que recebeu nota acima da média –, com os respectivos comentários da banca elaboradora. Esperamos que o candidato, tendo acesso a esse material, possa fazer uma análise minuciosa da prova, não se restringindo aos seus aspectos superficiais, e tenha uma compreensão mais profunda dos critérios de correção que regem uma prova dissertativa como a da Unicamp, o que julgamos ser fundamental para uma boa preparação.

Pretendemos também mostrar que a correção, embora norteadada por critérios preestabelecidos, busca contemplar diversas maneiras de formulação das respostas esperadas. A grade de correção proposta pela banca elaboradora não se pretende definitiva. Ela é adaptada, de modo a incluir respostas que, embora não tenham sido previstas inicialmente, se mostrem adequadas aos objetivos propostos pelas questões.

### 1.



(Gonsales, Fernando, "Niquel Náusea". Folha de S. Paulo on line em [www.uol.com.br/niquel/](http://www.uol.com.br/niquel/))

a)

No primeiro quadrinho, a menção a 'palavrões' constrói uma expectativa que é quebrada no segundo quadrinho. Mostre como ela é produzida, apontando uma expressão relacionada a 'palavrões', presente **no primeiro quadrinho**, que ajuda na construção dessa expectativa.

b)

No segundo quadrinho, o cômico se constrói justamente pela quebra da expectativa produzida no quadrinho anterior. Entretanto, embora a relação pressuposta no primeiro quadrinho se mantenha, ela passa a ser entendida num outro sentido, o que produz o riso. Explique o que se mantém e o que é alterado **no segundo quadrinho** em termos de pressupostos e relações entre as palavras.

## Resposta Esperada

### a) (2 pontos)

No primeiro quadrinho é estabelecida uma relação entre 'palavrões' e 'passar vergonha'. Essa relação é de causalidade, ou seja, o pronunciamento de palavras de baixo calão pelo papagaio e uma respectiva reação indignada por parte dos ouvintes seriam a razão pela qual o menino, dono do papagaio, passaria vergonha. O candidato não precisará nomear a relação como de causalidade, mas deverá mostrar que reconhece essa relação.

### b) (2 pontos)

A relação de causalidade e a inadequação das palavras usadas pelo papagaio, referidas como 'palavrões', se mantêm, pois, de fato, é a natureza dos 'palavrões' que faz com que o menino se envergonhe. O que se altera são as causas da vergonha. Pressupunha-se no primeiro quadrinho que a agressividade dos palavrões era a causa da inadequação e, portanto, de se 'passar vergonha'. No segundo quadrinho, entretanto, pelo fato de o papagaio falar 'xixi', 'cocô', etc., altera-se a razão da inadequação. Trata-se de expressões normalmente usadas por crianças muito pequenas, expressões inócuas, que causam riso nos ouvintes e, portanto, constroem o dono do papagaio. A premissa de que o papagaio costuma repetir apenas aquilo que ouve na casa em que vive torna mais contundente a imagem de que seu dono é quem seria infantil, motivo do embaraço.

## Exemplo Acima da Média

a) A expressão "passar vergonha" ajuda a construir essa expectativa, pois parece que o papagaio fala palavras ofensivas em hora imprópria.

b) No segundo quadrinho, o menino realmente passa vergonha como ele afirma no 1º quadrinho. O que é alterado é que os palavrões ditos pelo papagaio fazem o menino passar vergonha não por serem ofensivos ou pesados demais, mas por serem infantis. Entende-se que esses foram os palavrões que o menino ensinou ao papagaio.

## Exemplo Abaixo da Média

a) Palavrões pode ser no sentido de palavras grandes, que o papagaio faz ele passar vergonha porque o papagaio conhece palavras maiores, e é mais alto.

b) O que se mantém é o fato dele continuar passando vergonha, mas o "palavrões" não quer dizer palavras grandes e sim palavras sujas, de baixo calão.

## Comentários

Essa questão pode ser considerada fácil, e teve um grande número de notas máximas. No primeiro item, o candidato deveria cumprir duas etapas para obter a nota completa: indicar a expressão relacionada a 'palavrões' e explicar como se produzia, no primeiro quadrinho, uma expectativa quebrada pelo segundo. A expressão era 'passar vergonha', que, ligada a 'palavrões', fazia com que se esperassem termos fortes e chulos ditos pelo papagaio, o que causaria vergonha ao seu dono. Alguns candidatos escolheram, equivocadamente, a onomatopéia 'crr', querendo estabelecer uma relação inexistente entre palavras pequenas e grandes (palavrões) ditas pelo papagaio, como se o papagaio fosse mais inteligente que seu dono por saber falar palavras grandes. Outro equívoco foi escolher a palavra 'seus' e tentar estabelecer uma ambigüidade (também não existente) nesse pronome, que poderia se referir tanto ao dono quanto ao papagaio. Não era necessário explicar a quebra da expectativa, já que essa questão foi trabalhada no item **b**, que perguntava o que permanecia igual e o que era modificado no segundo quadrinho na relação entre as expectativas e as palavras. O candidato poderia escolher dois caminhos: dizer que o fato de passar vergonha se mantinha, o que mudava era o motivo dessa vergonha: não porque o papagaio falasse palavrões fortes, mas por produzir palavras inócuas, infantis; ou explicar que permanecia igual o fato de o animal falar palavrões, mudando a intensidade/gravidade dos palavrões esperados. O erro mais comum nesse item foi mencionar apenas o que se mantinha ou somente o que foi alterado, não estabelecendo a relação completa, o que garantiu apenas a metade dos pontos para esses casos.

## 2.

A carta abaixo reproduzida foi publicada em outubro de 2007, após declaração sobre a legalização do aborto feita por Sérgio Cabral, governador do Estado do Rio de Janeiro.

Sobre a declaração do governador fluminense, Sérgio Cabral, de que "as mães faveladas são uma fábrica de produzir marginais", cabe indagar: essas mães produzem marginais apenas quando dão à luz ou também quando votam? (Juarez R. Venitez, Sacramento-MG, seção Painel do Leitor, *Folha de São Paulo*, 29/10/2007.)

a)

Há uma forte ironia produzida no texto da carta. Destaque a parte do texto em que se expressa essa ironia. Justifique.

b)

Nessa ironia, marca-se uma crítica à declaração do governador do Rio de Janeiro. Entretanto, em função da presença de uma construção sintática, a crítica não incorre em uma oposição. Indique a construção sintática que relativiza essa crítica. Justifique.

## Resposta Esperada

a) (2 pontos)

A ironia está expressa em 'também quando votam'. O sentido construído com 'também quando votam' evoca aquele a que o governador se referia com '(fábrica de) produzir marginais', caracterizando os filhos de pobres como marginais. A ironia é construída, assim, ao se acrescentar 'também quando votam' à retomada da fala do governador. Esse acréscimo caracteriza como marginais os políticos, não se excluindo o governador, eleitos pelas mesmas mães referidas por Sérgio Cabral.

b) (2 pontos)

A construção sintática responsável pela relativização da crítica é "apenas X, ou também Y". Isso porque essa construção mantém o pressuposto estabelecido na primeira das duas orações ("apenas quando dão à luz"). Ou seja, essa construção sintática estabelece uma relação aditiva (do tipo "não só, como também"), ao invés de adversativa. Por isso, na crítica construída pela carta não há efetivamente uma negação da proposição de que os filhos de mães faveladas seriam marginais, mas sim um acréscimo de outra possibilidade de interpretação da expressão 'fábrica de marginais'. Dessa forma, mantém-se como pressuposto a interpretação produzida pelo governador do Rio de Janeiro, apesar da crítica a ele dirigida.

## Exemplo Acima da Média

a) A ironia produzida no texto da carta está expressa no trecho: "Essas mães produzem marginais apenas quando dão à luz ou também quando votam?" Observa-se nesta parte uma crítica aos políticos, como é próprio governador Sérgio Cabral, sugerindo serem eles "marginais", elites pelas mãos faveladas.

b) Observa-se que a crítica não é oposição pois o autor dela utiliza na construção sintática da frase, os termos apenas e também. Ou seja, o autor concorda que tais mães produzem marginais, mas afirma que isso também ocorreu no momento de votar nos apenas os dar à luz.

## Exemplo Abaixo da Média

a) A parte que contém a ironia é: "(...) essas mães produzem marginais apenas quando dão a luz ou também quando votam?"

A ironia está em relacionar a "produção de marginais" com o governador, Sérgio Cabral, que foi eleito. Deixa-se então implícito que a política governamental do governador não é eficiente, perpetuando assim no estado do Rio de Janeiro a violência, o tráfico, produtos da desigualdade social que também é pouco combatida.

b) A construção sintática que relativiza a crítica é a construção de um período composto por um oração subordinada substantiva alternativa, através do uso da conjunção "ou". Assim o autor do texto dá a possibilidade ao leitor de apontar a culpa da produção de marginais ao governador e não às mães faveladas.

## Comentários

Dentre todas as questões de língua, essa foi a que obteve o maior número de acertos, com muitos candidatos atingindo a nota máxima. No item **a**, novamente, eram duas as tarefas: mostrar em que parte do texto podia ser observada uma ironia e explicar tal ocorrência. A maioria dos candidatos selecionou adequadamente a expressão “também quando votam”. Foram aceitas também citações de trechos maiores do texto, contanto que “também quando votam” estivesse presente. A ironia ficava patente ao se relacionar marginais e políticos, incluindo na categoria de marginal o próprio governador Sérgio Cabral. Já no item **b**, a resposta deveria indicar que construção sintática amenizava a crítica presente no texto e o motivo dessa atenuação. Com o uso de (“apenas...ou também”) o autor não negou que mães faveladas produzissem marginais (“apenas quando dão à luz”); mas acrescentou uma outra possibilidade para essa produção (“também quando votam”). Dessa maneira, não se perdeu a crítica, mas ela se relativizou diante da concordância com a fala do governador. Muitos candidatos apresentaram dificuldade em selecionar a construção sintática adequada, tendo feito escolhas inadequadas como “cabe indagar”, “fábrica de produzir marginais” e a forma interrogativa, com o argumento de que dessa maneira deixava-se para o leitor decidir a resposta. Todas essas opções acabavam por invalidar também as justificativas derivadas dessas escolhas. Outro equívoco comum nessa questão foi ater-se somente ao contexto político e particular do RJ e esquecer-se da linguagem (como pode ser observado no exemplo abaixo da média). Vários candidatos falaram da violência, da pobreza, dos favelados, da falta de educação, da corrupção dos políticos, etc., mas em nenhum momento colocaram os pontos pertinentes ao uso da língua, o foco da questão. Esse é um cuidado que os candidatos sempre devem ter na hora de ler e responder às questões: não se esquecer de que se trata de uma prova de língua portuguesa, ou seja, o ponto central sempre são as questões de linguagem e seu uso. Claro que a relação com o contexto maior é fundamental no entendimento completo da linguagem, mas apenas isso não é o suficiente para entender a complexidade e o funcionamento da língua.

### 3.

O seguinte enunciado está presente em uma campanha publicitária de provedor de Internet:

Finalmente um líder mundial de Internet que sabe a diferença entre acabar em pizza e acabar em pizza. Terra. A Internet do Brasil e do mundo.

a)

A propaganda joga com um duplo sentido da expressão “acabar em pizza”. Qual é o duplo sentido?

b)

A propaganda trabalha com esse duplo sentido para construir a imagem de um provedor que se insere em âmbitos internacional e nacional. De que modo a expressão “acabar em pizza” ajuda na construção dessa imagem?

## Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Na expressão ‘acabar em pizza’, ambos os sentidos referidos na propaganda apontam para a finalização de algo (‘acabar em’). Um dos sentidos se refere a uma situação festiva: ao ato de se comer pizza ao final de algum processo ou evento, simbolizando alegria, confraternização, distensão, informalidade próprios de uma celebração, por exemplo. O outro sentido da expressão se refere, a partir de uma relação com a imagem da política brasileira, à falta de resolução real de problemas, como, mais recentemente, o do “mensalão”, entre outros. Nesse sentido, ‘acabar em pizza’ simboliza falta de seriedade, nomeadamente, a dificuldade presente no cenário de nosso país em se dar uma consequência efetiva a questões sérias.

b) (2 pontos)

Ao mostrar que esse provedor da Internet conhece os dois sentidos de ‘acabar em pizza’, ou seja, que domina sutilezas do uso da língua, das expressões mais atuais brasileiras, a propaganda sugere que o provedor, apesar de internacional, tem um bom conhecimento sobre o Brasil, sobre o mercado brasileiro. Não se cobrará, mas é relevante salientar que a propaganda caracteriza como uma qualidade intrínseca ao Brasil o sentido pejorativo da expressão ‘acabar em pizza’, apresentado como símbolo de ingerência e impunidade políticas. A propaganda se sustenta, assim, de maneira irresponsável, por meio de um argumento de marketing estereotipado, baseado na reafirmação de um equívoco político.

Outro modo de compreender o uso da expressão ‘acabar em pizza’ nessa propaganda é indicar que ‘saber a diferença’ entre os sentidos da expressão sugeriria a seriedade do provedor, e seu consequente sucesso.

### Exemplo Acima da Média

a.) A expressão "acabar em pizza" pode ter o sentido de terminar algo / comemorar comendo uma pizza (alimento) ou o sentido usado como "gíria" popular e política, que significa terminar um processo, procedimento sem conclusão efetiva, punição ou respostas convincentes ao olhar de todos os envolvidos.

b.) O provedor consegue criar a imagem de nacional e internacional com a referida expressão porque a pizza é um alimento, um prato culinário presente em quase todo o mundo e que transmite uma característica de integração internacional. Já "acabar em pizza" no Brasil é uma expressão idiomática própria do país, com sentido único de ausência de conclusão convincente ou a de tentativa de conseguí-la; dessa forma o provedor demonstra que entende o vocabulário nacional e o que acontece no Brasil.

### Exemplo Abaixo da Média

a.) O primeiro sentido de "acabar em pizza" refere-se em não ter um resultado conclusivo, não dar em nada no final, já o segundo significado refere-se à Torre de Pizza, mostrando o caráter internacional do provedor.

b.) A expressão ajuda com a imagem internacional da Torre de Pizza, ou seja, "acabar em pizza" significa ir para a Itália e ver o monumento de Pizza.

### Comentários

O primeiro item pedia o duplo sentido da expressão 'acabar em pizza', uma pergunta simples e de fácil resolução. Bastava o candidato mencionar um sentido relacionado à festa, à comemoração, em que se come pizza, e o outro sentido, ligado principalmente à política brasileira, relacionado à não-seriedade, à não-punição de atos ilegais, etc. Apesar da facilidade do item, respostas inadequadas apareceram, tais como mencionar apenas que a expressão pode ter sentido figurado ou literal, conotativo ou denotativo, sem dizer quais eram esses sentidos. É importante que o candidato, nesse tipo de questão, não deixe ambigüidade em suas respostas, mostrando claramente a diferença entre os sentidos possíveis. E uma resposta bastante inusitada, mas que surgiu com certa freqüência, foi relacionar 'pizza' com a cidade italiana de Pisa. Equívoco esse que permaneceu no item **b**, o que prejudicou vários candidatos, ao mencionarem que o provedor de internet possuía uma imagem internacional por fazer referência à cidade de Pisa, e sua famosa torre. A resposta esperada passava pela associação entre a expressão 'acabar em pizza' e a imagem nacional e internacional do provedor. Ou seja, o provedor, apesar de internacional, conhece bem a realidade brasileira, suas expressões e sua política, podendo inclusive se diferenciar justamente por distinguir esses casos e não deixar as coisas "terminarem em pizza" no sentido pejorativo. Alguns candidatos tentaram estabelecer outras imagens, como a de um provedor de custo barato como uma pizza; ou que seria acessível, estaria disponível a muitas pessoas como a pizza, etc. Mas tais imagens não davam conta do caráter nacional e internacional do provedor, o que foi pedido no item.



Os versos seguintes fazem parte do poema “Um chamado João” de Carlos Drummond de Andrade em homenagem póstuma a João Guimarães Rosa. Trabalhe as questões 4 e 5 a partir da leitura do poema.

### Um chamado João

João era fabulista?  
fabuloso?  
fábula?  
Sertão místico disparando  
no exílio da linguagem comum?

Mágico sem apetrechos,  
civilmente mágico, apelador  
de precipites prodígios acudindo  
a chamado geral?

Projetava na gravatinha  
a quinta face das coisas  
inenarrável narrada?  
Um estranho chamado João  
para disfarçar, para farçar  
o que não ousamos compreender?

(...)  
  
Ficamos sem saber o que era João  
e se João existiu  
deve pegar.

(...)

(Carlos Drummond de Andrade, em *Correio da Manhã*,  
22/11/1967, publicado em Rosa, J. G. *Sagarana*. Rio de  
Janeiro: Nova Fronteira, 2001.)

## 4.

a)

No título, ‘chamado’ sintetiza dois sentidos com que a palavra aparece no poema. Explique esses dois sentidos, indicando como estão presentes nas passagens em que ‘chamado’ se encontra.

b)

Na primeira estrofe do poema, ‘fábula’ é derivada em ‘fabulista’ e ‘fabuloso’. Mostre de que modo a formação morfológica e a função sintática das três palavras contribuem para a formação da imagem de Guimarães Rosa.

## Resposta Esperada

a) (2 pontos)

‘Chamado’, presente no título do poema, encontra-se também na segunda estrofe, em ‘um estranho chamado João’, e na terceira estrofe, em ‘[acudindo] a chamado geral’.

Percebemos, no título, um trabalho de síntese dos dois sentidos de ‘chamado’ presentes nessas duas estrofes do poema.

Na passagem ‘um estranho chamado João’, ‘chamado’ significa “denominado”. Não se cobrará, mas cabe explicitar que se trata de um particípio, com função adjetiva, que atribui ao ‘(homem) estranho’ a qualidade de ser denominado como ‘João’. Deve-se notar nesse trecho que João é um nome próprio muito comum, muito usual, que se presta a exemplificações do tipo “um João qualquer”. Por isso, tratar ‘João’ como um termo que designa, nomeia, qualifica o homem, ressalta a singularidade desse específico João (Guimarães Rosa).

Na passagem ‘[acudindo] a chamado geral’, ‘chamado’ significa “evocação”, “convocação”, “pedido”. Igualmente não se cobrará, mas é importante notar que se trata de um substantivo, ou melhor, do mesmo particípio, substantivado na língua portuguesa.

No título, ‘chamado’ pode ser entendido na síntese dos sentidos acima descritos: pode-se ler, nesse enunciado, ora ‘um (homem) chamado João’, isto é, um homem denominado como João; ora, ainda, ‘uma evocação denominada João’, caracterizada como típica de João. Nesta leitura, João é quem caracteriza o chamado, sendo assim, João passa a ser uma qualidade, em função da força de sua obra. Sobretudo a um leitor familiarizado com o estilo de Guimarães Rosa, é lícito desenvolver mais profundamente este sentido: em última análise, a formulação permite-nos dizer que João é o próprio chamado.



b) (2 pontos)

Em termos morfológicos, no primeiro verso, 'fábula', acrescido do sufixo *-ista*, gera 'fabulista' ("alguém que escreve fábulas"); no segundo verso, acrescido de *-oso*, gera 'fabuloso' ("imaginoso", "cheio de fábula", ou seja, "que tem a qualidade de ser incrível", "extraordinário"). O jogo com a formação morfológica das palavras contribui para a construção da imagem de Guimarães Rosa no poema, visto que sugere uma imitação do estilo do poeta homenageado.

Em termos sintáticos, as três palavras acabam por atribuir uma qualidade ao sujeito, visto que funcionam como seu predicativo. Nos versos 2 e 3 da primeira estrofe, essa função sintática – predicativo do sujeito – se reconhece pela percepção da elipse do verbo "era", presente no primeiro verso.

Desse modo, o sentido de 'fabulista' designa o profissional, destacando a atividade de escritor, ao passo que o de 'fabuloso' remete, de modo mais geral, a uma característica pessoal desse escritor, a de ser incrível. Já a construção '(era) fábula?' identifica o escritor com sua própria obra. Forma-se assim uma imagem do poeta como tão extraordinário, que supera o incrível ('fabuloso') e se confunde com o mito ('fábula').

### Exemplo Acima da Média

a) Os usos sintáticos são "chamado" como nomeado, cujo nome é João, como se verifica na passagem "(...) Um estranho chamado João (-)" e "chamado" com sentido de "apelido", ou chamar alguém, como se verifica no trecho "(...) acudindo a chamado geral?"

b) As palavras "fábula", "fabulista" e "fabuloso" exercem função de predicativo do sujeito, atribuindo características ao sujeito da oração (João). "Fabulista" é formada por derivação sufixal, através do emprego do sufixo *-ista*, dando origem a uma palavra que significa "aquele que faz fábulas". "Fabuloso" também é formado por derivação sufixal, com o acréscimo do sufixo *-oso*, esta sendo um adjetivo equivalente a maravilhoso, incrível. Dessa forma, tem-se a imagem de Guimarães Rosa: um mito, quando usou, contada de histórias e incrível no que fazia.

### Exemplo Abaixo da Média

a) Tem "chamado" no sentido de ter o nome, como no verso "Um estranho chamado João". É "chamado" no sentido de chamar, como no verso "apelados de vários prodígios acudindo a chamado geral?"

b) "fábula" é substantivo, "fabulista" e "fabuloso" são adjetivos com derivação sufixal mas com significados diferentes. Elas não são usadas para mostrar e não saber sobre a existência de João.

## Comentários

Primeiro, 'chamado' com o sentido de denominado, designado como João e depois, 'chamado' como apelo, pedido, convocação. Esses eram os dois sentidos de 'chamado' no poema, resposta ao item **a** dessa questão. Não eram necessárias explicações longas, nem a interpretação do poema, apenas deixar claros os dois sentidos possíveis para 'chamado', diferenciando-os bem, e não somente mencionando o segundo 'chamado' no sentido de 'chamar', porque tal resposta não explica a diferença entre os dois (como ilustra o exemplo abaixo da média). Já o item **b** era mais complexo, o que tornou essa questão difícil para muitos candidatos. É sempre fundamental uma boa leitura das questões, atentando bem aos enunciados, ao que foi pedido, ao que a resposta deve conter para ser considerada completa. Muitos candidatos perdem pontos em razão de uma leitura apressada e/ou equivocada dos enunciados, o que acarreta respostas inadequadas ou incompletas. O pedido nesse item era que se mostrasse como a formação morfológica e a função sintática das três palavras contribuíam para a construção da imagem de Guimarães Rosa. O primeiro equívoco dos candidatos foi confundir 'formação morfológica' com 'classificação morfológica'. Assim, ao invés de apontarem a inclusão de sufixos na palavra 'fábula', e as mudanças de sentido acarretadas por essas mudanças, classificaram as palavras 'fábula' como substantivo e 'fabulista' e 'fabuloso' como adjetivos. O segundo equívoco foi tratar apenas das relações entre as palavras, sem discutir como tal relação contribuía para a formação da imagem de Guimarães Rosa. O terceiro engano foi apenas citar quais os sentidos das três palavras, sem relacioná-los à morfologia e à sintaxe. E um último erro foi apenas interpretar o poema e/ou discorrer sobre a obra de Rosa, esquecendo-se do que era solicitado na questão. A resposta completa a esse item passava então pela indicação: da morfologia das palavras, mencionando-se o acréscimo de '-oso' e 'ista' como alterador e ampliador do sentido de 'fábula'; da sintaxe, que classifica as três palavras como predicativos do sujeito, atribuindo assim qualidades ao sujeito nas orações respectivas e, finalmente, do modo como esse jogo de relações caracteriza no poema o escritor Guimarães e sua obra. O candidato, em sua resposta, não precisava usar nomenclatura gramatical como 'sufixos' ou 'predicativo do sujeito', por exemplo. O importante era demonstrar o reconhecimento do funcionamento dessas palavras no poema, quais as diferenças de sentido entre elas e as semelhanças de suas funções.

## 5.

Na segunda estrofe, há dois processos muito interessantes de associação de palavras. Em "inenarrável/narrada" encontramos claramente um processo de derivação. Em "disfarçar/farçar", temos a sugestão de um processo semelhante, embora 'farçar' não conste dos dicionários modernos.

a)

Relacione o significado de 'inenarrável' com o processo de sua formação; e o de 'farçar', na relação sugerida no poema, com 'disfarçar'.

b)

Explique como esses processos contribuem na construção dos sentidos dessa estrofe.

## Resposta Esperada

a) (2 pontos)

O adjetivo 'inenarrável', derivado do verbo "narrar", é formado por um duplo acréscimo: o do sufixo *-vel* (que atribui ao adjetivo formado o sentido de uma possibilidade de praticar ou de sofrer uma ação), e o do prefixo *in-* (de valor privativo ou negativo). A junção dos dois afixos resulta na negação da possibilidade de algo ser narrado. Em 'farçar' temos um verbo que, no poema, se constrói a partir de 'disfarçar', do qual se retira o segmento *dis-*. Obtém-se, com isso, um termo não dicionarizado, que, por semelhança com outros termos, pode sugerir, ou a "ação de criar farsas", "falsear", "ludibriar", ou, ainda, interpretando-se *dis-* como privativo, "a ação de não disfarçar", isto é, "revelar", "mostrar".

b) (2 pontos)

'Inenarrável' qualifica, junto com 'narrada', o mesmo sintagma: 'a quinta face das coisas' (2º. verso da estrofe). Precisamente por ser justaposto a um termo contrário, e de mesma raiz, 'inenarrável' assinala um absurdo, ou melhor, explicita o extraordinário da narrativa alcançada por Guimarães Rosa. Em 'farçar', imitam-se procedimentos lingüísticos típicos do escritor homenageado, ao se estimular uma associação etimológica não dicionarizada. A justaposição 'disfarçar'/'farçar' chama a atenção para o elemento de farsa, de simulação, presente em 'disfarçar', estratégia ilusória necessária para enfrentar a resistência em ver 'o que não ousamos compreender' (último verso da estrofe).

## Exemplo Acima da Média

a) O prefixo "in-" tem sentido de negação, ou seja, "inenarrável" ~~que~~ pode ser interpretado como algo que não pode ser contado, descrito, narrado.

O prefixo "dis-" também tem sentido de negação, pois disfarçar pode ser interpretado como esconder, dissimular. "Forçar" tem interpretação contrária, ou seja, algo que se queira mostrar.

b) Esses processos contribuem para a construção de parox antitéticos que reforçam as características e a personalidade de Guimarães Rosa. Designando-o como alguém único que faz coisas que ~~não~~ ninguém é capaz de fazer ("inenarrável narrada"), ou então, que expõe ideias que ninguém sabe compreender ("para disfarçar, para forçar").

## Exemplo Abaixo da Média

Ⓐ "Inenarrável" tem um processo de formação, onde são fundidos um prefixo e um sufixo simultaneamente, em um radical. Já "forçar" possui um radical da palavra "disfarçar". Para a formação da última foi acrescentado o prefixo "dis-" na palavra "forçar". A derivação da primeira é a parassintética.

Ⓑ João Guimarães Rosa era capaz de mostrar o que geralmente "não somos capazes de compreender". Com o "inenarrável", Drummond caracteriza as coisas que Guimarães Rosa faz menção. Com "forçar", que tem o sentido oposto de "disfarçar", ou seja, explicita, ele caracteriza a ação de Guimarães Rosa. Assim, é possível entender que o autor, faz o impossível e praticamente impossível.

## Comentários

A questão 5 também se referia ao poema de Drummond e pode ser considerada como uma questão de nível de dificuldade mediano. Mais uma vez, leituras desatentas apareceram como a causa mais provável dos enganos cometidos pelos candidatos. O item **a** pedia a relação entre o significado de 'inenarrável' com o seu processo de formação, e o de 'farçar', na relação com 'disfarçar', sugerida pelo poema. Eram duas palavras diferentes, com duas relações diferentes. Em 'inenarrável', partia-se da palavra primitiva "narrar", acrescentando-se afixos, para se chegar ao sentido de "não possível de ser contado". Alguns candidatos só mencionaram a colocação de prefixos e sufixos, ao passo que outros só disseram que 'inenarrável' é o não narrável, ou seja, em ambos os casos não foi trabalhada a significação dessa palavra. Já em 'farçar', o candidato poderia, por analogia, considerar 'dis' como um "prefixo" e assim tornar 'farçar' o contrário de 'disfarçar', ou seja, revelar, mostrar, tornar visível. Embora, a rigor, etimologicamente, não se verifique esse processo, a relação, no poema, permite fazer esse jogo. Outro caminho era considerar 'disfarçar' e 'farçar' com sentidos próximos, quase sinônimos; 'farçar' sendo a criação de farsas, o ludibriar, o esconder, o não revelar. Ambos os sentidos são construídos a partir do poema e da relação com 'disfarçar', o que foi claramente pedido na questão. Candidatos que apenas mencionaram 'farçar' como o contrário de 'disfarçar' não esclareceram o sentido da palavra, e aqueles que não fizeram referência à palavra 'disfarçar' também não responderam à questão de maneira adequada. O item **b** pedia a explicação da contribuição dos processos tratados no item **a** para a construção dos sentidos na estrofe do poema de Drummond. O candidato precisava ter cuidado em garantir que sua resposta estivesse baseada no poema em questão e nas palavras discutidas no item anterior. Não adiantava apenas uma interpretação geral da obra de Guimarães Rosa, homenageado por Drummond nesse poema. E algumas respostas pareceram desconsiderar o fato de Guimarães ser um escritor, e de todo o poema tratar de suas habilidades justamente como escritor. Isto é, não um João qualquer, que seria maravilhoso e espetacular em geral, mas sim, o João presente em suas obras, o que ele fazia ao escrever, isso sim é o que está sendo referido nos versos. Remeter à questão 4 também não ajudaria o candidato, já que lá se estava chamando a atenção para outras palavras do poema, para outros versos.

## 6.

O texto abaixo é extraído de artigo jornalístico no qual se comparam duas notícias que chamaram a atenção da imprensa brasileira no mês de outubro de 2007: de um lado, o caso entre o senador Renan Calheiros e a jornalista Mônica Veloso; de outro, o artigo em que o apresentador de TV Luciano Huck expressa sua indignação contra o roubo de seu relógio Rolex.

Aparentemente, o que aproxima todos esses personagens é a disputa por um objeto de desejo. No caso dos assaltantes de Huck, por estar no pulso de um "bacana", mais que um relógio, o objeto em questão aparece como um equivalente geral que pode dar acesso a outros objetos (...). Presente de sua mulher, a igualmente famosa apresentadora global Angélica, um relógio desse calibre é sinal de prestígio, indicando um lugar social que, no Brasil, costuma "abrir portas" raras vezes franqueadas à maior parte da população. (...) Mais afinado com as tradições patriarcais de seu estado natal, Renan aparece nos noticiários, bem de acordo com a chamada "preferência nacional" dos anúncios de cerveja. Daí que não seja possível, em ambos os episódios, associar os casos em questão àquele "obscuro objeto de desejo" que dá título a um dos mais instigantes filmes de Luís Buñuel. Tratava-se, para o cineasta, de mostrar como um desejo singular, único, podia engendrar um objeto de grande opacidade. Em direção oposta, tanto na parceria Calheiros/Veloso, quanto no confronto Huck/assaltantes, há uma espécie de exibição ostensiva dos objetos em jogo, como que marcando a coincidência de desejos que perderam sua singularidade para cair na vala comum das banalidades.

(Adaptado de Eliane Robert Moraes, *Folha de São Paulo*, 14/10/2007, grifos nossos.)

a)

Um dos usos de aspas é o de destacar elementos no texto. Explique a finalidade desse destaque nas seguintes expressões presentes no texto: "bacana", "abrir portas" e "preferência nacional".

b)

No caso de "obscuro objeto de desejo", as aspas marcam o título de um filme de Buñuel. Explique como a referência a esse título estabelece uma oposição fundamental para a argumentação do texto.

## Resposta Esperada

### a) (2 pontos)

As aspas em 'bacana' marcariam gíria, ou uma forma comum de expressão, ou ainda um jargão, que poderia, supostamente, traduzir o linguajar da periferia; já em 'abrir portas' as aspas assinalam um lugar-comum que se refere à ascensão social; finalmente, em 'preferência nacional', as aspas remetem ao discurso publicitário, especificamente ao das campanhas brasileiras de cerveja. Nas três expressões, vale ainda considerar a presença de um sentido figurado e de ironia.

### b) (2 pontos)

A citação do título do famoso filme serve para evidenciar a tese defendida pela autora: o que há em comum aos episódios, aparentemente distantes e diferentes entre si, do roubo do Rolex e da mescla de adultério e corrupção do escândalo de Renan Calheiros. A citação valoriza a singularidade e a opacidade, isto é, a complexidade de um objeto que é almejado por seu valor próprio. Com isso, a referência ao filme serve de ensejo para ressaltar, por contraste, a banalização do desejo pelos objetos em questão (relógios de grife, mulheres bonitas, espaço na mídia): sua exibição ostensiva e aquilo que tal ostentação pode proporcionar tornam-se o efetivo objeto de desejo.

## Exemplo Acima da Média

a) No caso de "bacana" as aspas são usadas para ressaltar que a palavra usada é uma gíria. No caso de "abrir portas" as aspas são usadas para destacar o sentido metafórico da expressão. No caso de "preferência nacional" as aspas são usadas para mostrar a ironia.

b) Toda a argumentação do texto está baseada no desejo de ter determinado objeto e na disputa gerada por conta disso. A citação do filme estabelece a oposição fundamental para a conclusão do texto, pois mostra que o tão desejado objeto é ~~obscuro~~ mais ~~de~~ desejado se permanecer obscuro, ao contrário do que ocorre nos dois casos citados, em que há ostentação do objeto de desejo, ~~o torna banal~~ tornando-o banal e não mais singularmente desejado.

## Exemplo Abaixo da Média

a) São usadas para fazer ironia. "Bacana" refere-se às pessoas famosas e ricas. "abrir portas" é falta de oportunidade dada à população e "preferência nacional" é uma crítica aos anúncios de cerveja que estão por toda parte: televisão, outdoors etc.

b) A autora fala que não se pode associar os desejos de Huck e de Calheiros com o do filme, pois no filme o desejo é único, singular, já de Huck e Calheiros acabou se tornando comum e fútil.

## Comentários

O item **a** dessa questão perguntava sobre a finalidade das aspas em três expressões presentes no texto. Era uma pergunta simples, sendo necessário apenas ater-se ao fato de que a pergunta era sobre o motivo das aspas e não sobre o sentido de cada uma das expressões, engano cometido por alguns candidatos. Outro problema encontrado foi fornecer a mesma explicação para todas as expressões. Se estivesse correta, como dizer que as aspas serviam para destacar termos populares, não formais, etc., o candidato obtinha apenas uma nota parcial. A resposta completa deveria indicar um motivo adequado para o uso das aspas em cada uma das expressões, como foi explicitado na resposta esperada. O item **b** já trazia um grau maior de complexidade, exigindo uma boa leitura do texto por parte dos candidatos, e não apenas uma leitura superficial ou uma comparação óbvia entre o título do filme de Buñuel e o texto da *Folha de São Paulo*. Esperava-se que o candidato entendesse a oposição entre os dois momentos. O nome do filme ressalta o desejo íntimo, individual, opaco, enquanto os episódios do rolex de Luciano Huck e do escândalo de Renan Calheiros são casos muito ostensivos, muito explorados pela mídia, o que acabou por tornar o desejo (o relógio e Mônica Veloso, respectivamente) algo banal, que perdeu o caráter especial, único. Candidatos que se limitaram a responder que no filme o objeto de desejo é desconhecido, enquanto no texto os objetos são expostos, explícitos, conseguiram apenas parte dos pontos, já que compreenderam apenas o mais superficial da diferença entre os dois. Um equívoco apresentado em algumas respostas foi considerar a palavra “obscuro” como algo mal, perverso, ilegal.

## 7.

O poema abaixo, de Carlos Drummond de Andrade, pertence ao livro *A rosa do povo* (1945), que reúne composições escritas na época da Segunda Guerra Mundial e da ditadura do Estado Novo no Brasil:

### Passagem da Noite

É noite. Sinto que é noite  
não porque a sombra descesse  
(bem me importa a face negra)  
mas porque dentro de mim,  
no fundo de mim, o grito  
se calou, fez-se desânimo.  
Sinto que nós somos noite,  
que palpítamos no escuro  
e em noite nos dissolvemos.  
Sinto que é noite no vento,  
noite nas águas, na pedra.  
E que adianta uma lâmpada?  
E que adianta uma voz?  
É noite no meu amigo.  
É noite no submarino.  
É noite na roça grande.  
É noite, não é morte, é noite  
de sono espesso e sem praia.  
Não é dor, nem paz, é noite,  
é perfeitamente a noite.

Mas salve, olhar de alegria!  
E salve, dia que surge!  
Os corpos saltam do sono,  
o mundo se recompõe.  
Que gozo na bicicleta!  
Existir: seja como for.  
A fraterna entrega do pão.  
Amar: mesmo nas canções.  
De novo andar: as distâncias,  
as cores, posse das ruas.  
Tudo que à noite perdemos  
se nos confia outra vez.  
Obrigado, coisas fiéis!  
Saber que ainda há florestas,  
sinos, palavras; que a terra  
prossegue seu giro, e o tempo  
não murchou; não nos diluímos!  
Chupar o gosto do dia!  
Clara manhã, obrigado,  
o essencial é viver!

a)  
Explique o sentido metafórico da *noite* e o uso do verbo *sentir*, na 1ª estrofe.

b)  
Explique o sentido metafórico do *dia* e o sentimento a ele associado, na 2ª estrofe.



## Resposta Esperada

### a) (2 pontos)

A "noite" designa aqui menos um horário específico de escuridão e trevas, entre o ocaso e o nascer do sol, do que um estado de espírito associado a um momento sombrio da história do século XX, no Brasil e no mundo. O sentimento que o eu lírico experimenta internamente e no mundo objetivo não está, como ele mesmo afirma, associado à "morte", "não é dor, nem paz". É um "desânimo" que faz o grito calar fundo dentro dele. Como registra Antonio Houaiss, por derivação de sentido, a noite é metáfora para designar o "estado de dor, desesperança; tristeza, melancolia, abatimento". Na 1ª. estrofe do poema, a referência a "sentir" a *noite*, em vez de "ver" a *noite* reforça esse uso figurado do termo, associado ao abatimento, ao sentimento de melancolia, decorrente da falta de perspectivas diante daquele momento histórico negro.

### b) (2 pontos)

Por oposição à 1ª. estrofe, a 2ª. explora a esperança, a crença utópica do nosso "poeta público" (simpatizante, à época, do ideal socialista) na sociedade do amanhã, presentificada, metaforicamente, pela "clara manhã" de um novo dia, para o qual os homens despertam ("os corpos saltam do sono") e podem sair às ruas ("De novo andar: as distâncias, / as cores, posse das ruas"), e "o mundo se recompõe". Esse novo *dia* representa uma ordem social mais justa e solidária: "A fraterna entrega do pão. / Amar: mesmo nas canções", associada ao sentimento de alegria, amor, fraternidade. A crença utópica do eu lírico é tamanha, que ele chega a ponto de não só sentir ou imaginar esse novo amanhã, mas, significativamente, consegue vê-lo.

## Exemplo Acima da Média

a) O uso metafórico de "noite" é para mostrar a obscuridade em que se encontrava o mundo no contexto da Segunda Guerra Mundial, e do Brasil no período de ditadura. Devido à guerra, às batalhas, à opressão o mundo parecia estar coberto por escuridão, por isso sua situação foi comparada a "noite": O verbo "sentir" foi usado porque o poeta não usou "noite" para indicar um período num espaço de vinte e quatro horas, logo a "noite" estava dentro dele, era seu sentimento em relação ao mundo naquele momento.

b) A palavra "dia" está associada ao sentimento de "alegria". Ambos estão relacionados à esperança de que o mundo vai sair da escuridão, ou seja, da guerra, dos conflitos.

## Exemplo Abaixo da Média

A) A palavra "noite" tem sentido metafórico de "silêncio", "hora de dormir". O uso do verbo "sentir" se explica porque o eu-lírico sente o sono, que anuncia a chegada da "noite".

B) O "dia" tem o sentido metafórico de "hora de viver", associa-se ao sentimento de recuperação das energias e disposição perdidas na noite.



## Comentários

No item **a**, o candidato precisava, necessariamente, perceber o sentido metafórico da palavra “noite” e do verbo “sentir”. O enunciado da questão chamava a atenção para o aspecto político da obra *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade, o que tornava obrigatória a associação entre a palavra “noite” e o momento político vivido: da Segunda Guerra Mundial e a ditadura do Estado Novo no Brasil. Nesse caso, era importante o candidato perceber que o eu lírico do poema de Drummond posiciona-se ideologicamente, e vê na ditadura de Getúlio Vargas um momento que pode ser comparado à escuridão da noite (“estado de dor, desesperança; tristeza, melancolia, abatimento”), uma escuridão que, deixa claro o poeta, não se trata de algo visual, mas de algo perceptível (daí o uso do verbo sentir).

No item **b**, a metáfora ocorre na palavra “dia” e, como no item anterior, o candidato deveria observar que tal comparação tem relação com o momento político, mas um momento político posterior, que ainda estava por vir, em que as agruras da ditadura de Vargas e a Segunda Guerra Mundial teriam fim. Nesse momento em que o “dia surge”, há o sentimento de alegria e de esperança.

Em alguns casos, os candidatos, ao explicarem as metáforas contidas nas palavras “noite” e “dia”, acabaram dando respostas que reforçaram o sentido denotativo dessas expressões. Desse modo, algumas respostas consideradas incorretas explicaram que “noite” seria um período em que “todos estavam dormindo” ou “momento em que tudo é silêncio”; “dia”, por sua vez, seria o momento em que “todos estariam acordados”, “momento oposto ao da noite”, “hora de viver”, conforme vemos no exemplo abaixo da média. Sem uma explicação razoável, essas expressões apenas relacionaram “noite” e “dia” aos seus sentidos mais imediatos e literais.

## 8.

Na seguinte passagem do capítulo LXXX (“Venhamos ao capítulo”), de *Dom Casmurro*, o narrador trata da promessa feita por D. Glória.

Um dos aforismos de Franklin é que, para quem tem de pagar na páscoa, a quaresma é curta. A nossa quaresma não foi mais longa que as outras, e minha mãe, posto me mandasse ensinar latim e doutrina, começou a adiar a minha entrada no seminário. É o que se chama, comercialmente falando, reformar uma letra. O credor era arquimilionário, não dependia daquela quantia para comer, e consentiu nas transferências de pagamento, sem querer agravar a taxa do juro. Um dia, porém, um dos familiares que serviam de endossantes da letra, falou da necessidade de entregar o preço ajustado; está num dos capítulos primeiros. Minha mãe concordou e recolhi-me a S. José.

a)

Quem lembrou D. Glória da promessa e qual seu vínculo com a família dela?

b)

Explique o uso da linguagem comercial no trecho citado acima e no romance.

## Resposta Esperada

a) (2 pontos)

No terceiro capítulo do livro, intitulado “A denúncia”, José Dias alerta D. Glória sobre a convivência de Bentinho e Capitu, que se tornava cada vez mais freqüente, ameaçando a realização da promessa da matriarca de entregar o rapaz à Igreja. Ao “denunciar” o perigo da intimidade crescente entre os dois adolescentes, José Dias deixa D. Glória emocionada, lembrando-a de que a antiga promessa é um “dever amargo”, amaríssimo, que deve ser cumprido. José Dias, segundo consta no capítulo V (“O agregado”), é um agregado que mora num quarto da casa, embora não tenha laços sanguíneos com D. Glória. Em razão dos serviços prestados como falso médico homeopata, conquistou o afeto e a proteção dos pais de Bentinho, sendo tido como “pessoa da família”.

b) (2 pontos)

A comparação da promessa, que a devota D. Glória fez a Deus, com uma dívida comercial (uma letra) sugere a importância do dinheiro no romance. No episódio citado, a linguagem financeira, com a qual o narrador faz menção a juros e promissórias vencidas, que poderiam ser futuramente cobradas pelo credor divino, aponta para a razão econômica, própria do mundo dos negócios, subjacente ao vínculo de D. Glória com a Igreja e, num plano maior, às relações pessoais de amor e amizade que permeiam as memórias do protagonista. Assim, a lógica do dinheiro e do interesse financeiro estaria presente em todo o romance, seja no casamento de Capitu com Bentinho, seja na amizade com Escobar, cuja facilidade nos cálculos e o sucesso comercial são motivos de desconfiança.

## Exemplo Acima da Média

a) Quem lembrou dona Glória da promessa feita foi o personagem José Dias ~~de Dom Casmurro~~, ele era um agregado da família que havia entrado na mesma, primeiramente se fingindo passar por médico, porém com o tempo por piedade D. Glória permitiu que ele ficasse junto a família, vivendo de favores desta.

b) A utilização da linguagem comercial é ~~usada~~ utilizada para demonstrar como a promessa feita ~~por~~ por D. Glória foi "comercialmente" negociada, transferindo a si o dever da ordenação eclesiástica, como se ~~as~~ as promessas pudessem ser negociadas. Também podemos analisar uma das personagens principais "Capitu" pelo seu interesse por Bentinho, como se fosse uma maneira de ascensão social, demonstrando o comércio em todos os níveis, porém esta interpretação não é a única possível, o que torna a obra de Machado de Assis ~~uma~~ ainda mais instigante.

## Exemplo Abaixo da Média

a) Quem lembrou D. Glória da promessa foi José Dias.

b) O uso da linguagem comercial está relacionado ao politicamente correto.

## Comentários

No item **a**, o candidato deveria atentar para o nome do personagem solicitado e para seu vínculo com a família do personagem Bentinho de *Dom Casmurro*. Em alguns casos, o candidato esqueceu o nome do personagem ou o vínculo de José Dias: agregado. Se esquecesse a palavra que denomina essa relação entre José Dias e a família de Bentinho, o candidato poderia simplesmente explicá-la, dizendo que se tratava de um vínculo sem ligações de sangue, proporcionado pelo bom relacionamento que Dias manteve com o patriarca da família antes que este falecesse. Tal relacionamento permitiu que, após a morte do pai de Bentinho, a família acabasse acolhendo o falso médico homeopata, sustentando-o e respeitando suas vontades como se ele fosse, de fato, um parente.

No item **b**, houve grande dificuldade, por parte dos candidatos, na percepção do tipo de relação que há no romance entre a linguagem comercial e a história. Alguns chegaram a atribuir a linguagem empregada no trecho ao fato de uma promessa religiosa ser algo que se "paga" e que, portanto, guarda em si um viés comercial propriamente dito. As respostas mais comuns circularam em torno de afirmações recorrentes acerca dessa obra machadiana, mencionando aspectos como a suposta traição de Capitu, a ironia típica de Machado, etc.

Vale ressaltar que a questão apontava não só para aspectos citados no trecho, como também para os existentes no romance como um todo. Assim, para que a resposta fosse considerada como correta, era imprescindível que o candidato fizesse menções claras a elementos do livro que demonstrassem haver, de fato, uma relação entre o uso da linguagem comercial e o enredo, conforme ilustra o exemplo acima da média.

**9.**

O poema abaixo pertence a *O Guardador de Rebanhos*, de Alberto Caeiro:

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo....  
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer  
Porque eu sou do tamanho do que vejo  
E não do tamanho da minha altura...

Nas cidades a vida é mais pequena  
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.  
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,  
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,  
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,  
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

(Fernando Pessoa, *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1983, p.142.)

a)  
Explique a oposição estabelecida entre a aldeia e a cidade.

b)  
De que maneira o uso do verso livre reforça essa oposição?

## Resposta Esperada

**a) (2 pontos)**

Há, na verdade, uma dupla oposição entre a aldeia e a cidade: a primeira é pequena e a segunda grande em tamanho e extensão, embora aquela possibilite uma visão mais ampla do que esta, cujas "grandes casas fecham a vista à chave / escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu". A visão, valorizada por esse heterônimo de Fernando Pessoa, em detrimento da reflexão, é uma forma de conhecimento mais imediato, alcançado no contato direto com a natureza, que a aldeia possibilita e a cidade não. Essa imediatez garante uma forma de existência mais autêntica, que Alberto Caeiro dimensiona em termos de tamanho e riqueza. Assim, o eu lírico e sua vida bucólica, no cimo do outeiro de sua aldeia, são tidos como maiores e mais ricos do que os homens e a vida na cidade.

**b) (2 pontos)**

A conquista do verso livre, que oferece variações rítmicas inumeráveis e não obedece mais a um número pre-estabelecido de combinações métricas, representa um marco da poesia moderna. Nesse poema, em especial, o verso livre possibilita ainda uma maior adequação ao tema, na medida em que permite ao poeta manejar livremente a extensão dos versos, estabelecendo um paralelo com as dimensões contrapostas da vida na aldeia e na cidade. Os dois versos iniciais da 1ª estrofe, por exemplo, são mais longos, porque falam da vida na aldeia, "tão grande como outra terra qualquer", enquanto o primeiro verso da 2ª estrofe é bem menor, porque fala da vida "mais pequena" nas cidades.

## Exemplo Acima da Média

a) Enquanto que a aldeia é apresentada como lugar vasto e que permite a visão do horizonte, assim como mais percepção do Universo, a cidade é apresentada como lugar pequeno, que cercia essa visão de um horizonte maior. Sendo a visão para Caetano um conceito fundamental na apreensão do mundo, a aldeia nos permite ser mais vasto; maiores. Do mesmo forma, a cidade torna-nos pobres e menores.

b) O fato de usar o verso livre afirma sua tese, mostrando que sem os empecilhos da "civilização", como as construções monumentais no caso da temática do poema, ou da métrica e rima perfeitas no caso da construção do poema, nossos horizontes são maiores. Em outras palavras consegue ampliar sua capacidade de expressão ~~sem~~ <sup>ou não</sup> ser coagido pelas tradicionais regras de construção poética, da mesma forma que amplia seu universo ao não ser cercado pelas "grandes coisas" da cidade.

## Exemplo Abaixo da Média

a) No poema ocorre o enaltecimento da aldeia, classificando-a como melhor em relação à cidade, com um confronto de valores impostos pelos dois locais.

b) O verso livre permite a aproximação do escritor com a coisa escrita, julgando-o como conhecedor dos dois locais e possuidor da verdade pontada com fatos.

## Comentários

O item **a** pedia ao candidato que explicasse a oposição estabelecida entre a aldeia e a cidade. A questão já indicava, portanto, que havia uma diferença entre os dois ambientes e caberia ao candidato explicá-la. Assim, segundo o eu lírico do poema de Caeiro, que afirma “eu sou do tamanho do que vejo!”, o ambiente que proporcionaria uma maior visão do universo seria o lugar que o faria “maior” e mais rico “porque a nossa única riqueza é ver”. Era fundamental que o candidato percebesse que as expressões “maior”, “menor”, “mais rico”, não mantêm no poema seus sentidos literais, mas referem-se a algo abstrato, metafórico.

Algumas vezes, as respostas foram vagas e, embora defendessem o campo como melhor que a cidade, não apontavam a causa dessa “superioridade”, o que não foi considerado uma resposta correta, na medida em que deixa de cumprir um aspecto essencial da questão que é a explicação da oposição ali existente (ver exemplo abaixo da média). Em outros momentos, os candidatos remeteram-se à sua realidade urbana atual e defenderam o campo como melhor que a cidade pela sua segurança, falta de violência, amizade, conhecimento entre os vizinhos, etc. Tais respostas foram muito comuns, o que indica que, muitas vezes, o candidato não se baseia no texto que lê para dar sua resposta. Em lugar disso, busca elementos externos – realidade social, aulas teóricas sobre o autor, informações de última hora advindas de resumos literários, etc. – para fundamentar sua resposta, o que não é adequado para uma prova que preza tanto a leitura dos candidatos como a prova da Unicamp.

No item **b**, a dificuldade foi maior, uma vez que os candidatos tinham de articular forma e conteúdo no poema de Caeiro. A grande maioria das respostas girou em torno da afirmação: liberdade do poeta = verso livre. Essa resposta não foi satisfatória, uma vez que se faz necessário observar dois aspectos: o da cidade e o da aldeia, dois elementos contrapostos no poema. Assim, a liberdade do poeta deveria estar associada à aldeia – que permite uma visão ampla e abrangente, portanto pouco restrita e sujeita a regras -, em contraposição à métrica que estaria relacionada ao contexto urbano – cuja visão proporcionada seria restrita e regrada, como o fazer poético metrificado.

### 10.

O trecho abaixo pertence ao capítulo VIII de *A cidade e as serras*, em que se narra a viagem de Jacinto a Tormes.

Trepávamos então alguma ruazinha de aldeia, dez ou doze casebres, sumidos entre figueiras, onde se esgaçava, fugindo do lar pela telha-vã o fumo branco e cheiroso das pinhas. Nos cerros remotos, por cima da negrura pensativa dos pinheirais, branquejavam ermidas. O ar fino e puro entrava na alma, e na alma espalhava alegria e força. Um esparso tilintar de chocalhos de guizos morria pelas quebradas...

Jacinto adiante, na sua égua ruça, murmurava:

- Que beleza !

E eu atrás, no burro de Sancho, murmurava:

- Que beleza !

Frescos ramos roçavam os nossos ombros com familiaridade e carinho.

(Eça de Queiroz, *Obra Completa*. Beatriz Berrini (org.). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997, Vol.II, pp. 561, grifos nossos.)

a)

O que o trecho revela da visão de Jacinto sobre a aldeia e que afinidade existe entre essa visão e a de Alberto Caeiro no poema da questão anterior.

b)

Explique a relação entre o protagonista e a paisagem nas duas frases sublinhadas.

## Resposta Esperada

### a) (2 pontos)

Em sua viagem à terra natal, Jacinto reencontra o passado e vivencia as delícias da vida no campo, à qual se integrará progressivamente. A imagem que o narrador, José Fernandes, oferece da pequena aldeia, impregnada de ternura ("ruazinha"), sugere o encanto de Jacinto diante daquela paisagem serrana pacata. A linguagem, repleta de lirismo e comoção ("Que beleza!"), expressa a valorização da vida no ambiente campestre em contraposição à civilização, representada pela cidade de Paris, que Jacinto abandona para visitar o interior de Portugal. Tanto em Eça de Queirós quanto em Alberto Caeiro, o retorno a certo ideal bucólico de felicidade, marcado pela celebração dos prazeres da vida simples, serve de antítese para o sentimento de tédio e opressão que o artificialismo da vida urbana impõe.

### b) (2 pontos)

Jacinto, caracterizado inicialmente como um homem parisiense, de gosto refinado, entusiasta da filosofia e das ciências modernas, sente-se tocado pela paisagem rural do interior. As frases citadas expressam o sentimento de alegria que o domina e a sensação de aconchego experimentada em meio àquela paisagem, que se lhe mostra familiar, mas da qual ele havia se distanciado. O encontro com as serras portuguesas revitaliza sua alma, dá-lhe força e ânimo, ao mesmo tempo que lhe proporciona uma sensação de bem-estar.

## Exemplo Acima da Média

a) Jacinto apresenta a seguinte visão: a aldeia é harmoniosa, e contagia; ele demonstra um interesse apurado pela natureza até então não deslumbrada por ele; é como Alberto Caeiro que, em seu poema da questão anterior, demonstra bucolismo, apuro pela natureza em detrimento da cidade, da urbanização, da civilização. Jacinto, com todos os seus modernismos, não havia encontrado verdadeira felicidade e calma como encontrara na aldeia.

b) A relação existente com a primeira frase é que aquele ar fornecia a Jacinto força, alegria, vontade de viver que ele havia perdido na chamada Paris, cansado dos "defeitos" de seus aparelhos, da futilidade, do barulho da cidade, da poluição, da falsidade dos "amigos", do luxo sem conteúdo, ou como disse seu criado Gilão, da fartura; toda essa situação o levou a uma grave melancolia e depressão. A relação com a segunda frase é que Jacinto tinha ligação com aquelas terras já que seus antepassados viveram em Termos, assim ele encontrava, nesse lugar, suas origens, seu sangue, a terra de que ele ~~era~~ rememoração de que a aldeia era onde devia viver, "as terras e recebiam fraternalmente, de braços abertos".

## Exemplo Abaixo da Média

a) Para Jacinto, a cidade é o lugar ideal para se viver, onde encontra-se a modernidade, a cultura, o saber. Diferente do poema de Alberto Caeiro, que vê a cidade como algo totalmente destrutivo.

b) Jacinto, vindo de Paris, não estava acostumado com a paz e tranquilidade do campo. Para ele eram novidades. Um mundo diferente do que vivia.

## Comentários

As questões 9 e 10, embora relativas a obras literárias diferentes – *O Guardador de Rebanhos* e *As cidades e as serras*, respectivamente –, tinham em comum, o tema da comparação entre campo e cidade. No item **a**, o candidato deveria perceber a relação que havia entre a opinião do eu lírico do poema de Alberto Caeiro e a posição adotada pelo personagem Jacinto do romance *As cidades e as serras*, de Eça de Queirós. Para responder à questão, não bastava recorrer apenas ao trecho dado, mas era necessário conhecer todo o contexto da obra de Eça para entender a mudança que se opera, aos poucos, no pensamento do protagonista Jacinto. O seu apreço pelo campo, descrito no excerto escolhido, é algo novo na narrativa, uma vez que o personagem era um adepto da tecnologia e da vida na cidade, sentindo um profundo tédio quando necessitou, por obrigação, voltar às “serras portuguesas”. Assim, a visão de Jacinto em relação ao campo se modifica, e ele, ao entrar em contato com a natureza à sua volta, vê-se tomado de um profundo bem-estar, nunca antes vivido na cidade. Nesse sentido, sua visão e a de Caeiro entram em acordo, uma vez que ambos vêem o campo como um lugar privilegiado em relação à cidade. Era, portanto, imprescindível mostrar que há, também no livro de Eça, entre contexto rural e contexto urbano, a oposição na qual o campo está em posição privilegiada em relação à cidade. Quanto ao item **b** não era suficiente fazer uma paráfrase do texto transcrito na prova. Era necessário explicar que tipo de relação o personagem Jacinto passa a ter com a natureza, levando em conta especificamente os trechos sublinhados. Nos dois momentos, vemos expressos primeiro o sentimento de alegria e a sensação de aconchego diante daquela paisagem que agora aparenta ser familiar, ao lado da revitalização da alma do personagem, para quem a natureza faz voltar a força e o ânimo perdidos, proporcionando-lhe uma sensação de bem-estar.

Mais uma vez, saiu-se bem o candidato que evidenciou conhecimento da obra como um todo e que conseguiu demonstrar as relações explicitadas nos trechos com o contexto da narrativa. Muitas vezes, as respostas giraram em torno de afirmações como as de que Jacinto “sentia-se bem”, “gostava da natureza”, etc., mas esses são apontamentos vagos e a questão era clara em pedir uma explicação das duas frases sublinhadas e sua relação com a paisagem ali descrita.

## 11.

Leia o seguinte trecho do capítulo “Contas”, de *Vidas Secas*.

Tinha a obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia do seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. (...) Era a sina. O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família. Cortar mandacaru, ensebar látegos – aquilo estava no sangue. Conformava-se, não pretendia mais nada. Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos? Fazia até nojo pessoas importantes se ocuparem com semelhantes porcarias.

(Graciliano Ramos, *Vidas Secas*. 103ª. ed., Rio de Janeiro: Editora Record, 2007, p.97.)

a)

Que visão Fabiano tem de sua própria condição? Justifique.

b)

Explique a referência que ele faz aos “homens ricos” com base no enredo do livro.

## Resposta Esperada

a) (2 pontos)

Trata-se de uma visão extremamente alienada e conformista (“Conformava-se, não pretendia mais nada”, diz ele), justificada, inclusive, por uma lógica determinista. Fabiano aceita a exploração e a condição social miserável em que vive como se fossem naturais, produtos de uma sina (“Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? [...] Era a sina.”), ou mesmo de uma herança genética, pois, segundo ele, o “pai vivera assim, o avô também [...] aquilo estava no sangue”.



b) (2 pontos)

Os "homens ricos" mencionados no trecho são homens de posse, senhores de terras, exploradores como o proprietário das terras em que Fabiano se instala com sua família. Como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, Fabiano precisava recorrer à feira para a compra de mantimentos, a fim de alimentar a família. Para isso, negociava os poucos bezerros e cabritos que possuía com o proprietário das terras, que os comprava a preços baixíssimos. O valor que conseguia com os animais não era suficiente para se manter e precisava recorrer ao patrão, que lhe cobrava juros altíssimos pelos empréstimos. As contas do patrão nunca batiam com as de Sinhá Vitória, em virtude dos juros exorbitantes cobrados por tais empréstimos. Quando Fabiano reclamava, o patrão, irritado, mandava-o procurar outra fazenda. Fabiano, então, sem alternativa, calava-se e se submetia aos desmandos e à exploração do patrão.

### Exemplo Acima da Média

a) Fabiano achava que sua condição de submissão perante a sociedade era seu destino. Para ele era como um animal e nunca iria mudar, já que seu pai e seu avô também foram como ele. Fabiano conformava-se com suas obrigações de trabalhar para os outros, não queria mais que isso, queria apenas o que era dele por direito.

b) A referência que ele faz aos "homens ricos" está ligada à maneira que ele era explorado por pessoas que tinham mais dinheiro ou um emprego melhor que o dele. Apesar de não ganhar muito essas pessoas se aproveitavam da sua falta de conhecimento para se aproveitarem dele. Uma vez quando foi vender um porco, um fiscal queria cobrar-lhe impostos sobre o pouco dinheiro que iria conseguir com a venda. Fabiano também dependia do patrão para comprar as coisas que necessitava e o patrão sempre cobrava um preço mais alto pelas necessidades. Com isso somavam-se os juros cobrados pelo patrão, fazendo com que Fabiano, por mais que trabalhasse, sempre ficasse em dívida com ele.

### Exemplo Abaixo da Média

a) Fabiano possui uma visão conformada de sua condição, pois vendo que ~~o~~ trabalhava excessivamente e recelia numa miséria, se conformava com tal situação.

b) Com base no enredo do livro, a referência que ele faz aos "homens ricos" remete-se ao governo da época. Com esse trecho, faz uma crítica social e mostra como é a enorme desigualdade social presente no país.

## Comentários

O item **a** da questão 11 pedia que fosse discutida a condição do protagonista Fabiano, de *Vidas Secas*, do ponto de vista do próprio personagem. O trecho reproduzido falava em dois elementos essenciais, que deveriam ser mencionados na resposta: o conformismo/acomodação e a sina ou predisposição genética, representada no excerto, na fala da personagem: “Era a sina, o pai vivera assim, o avô também.” Na maioria das vezes, os candidatos não tiveram dificuldade em entender que Fabiano é uma pessoa conformada com sua situação, mas não perceberam com tanta facilidade o quanto Fabiano acreditava inevitável seu destino miserável. Houve respostas que questionaram o conformismo do personagem, argumentando que ele não se conformava, pois sabia que os ricos lhe roubavam e afirmava ter “nojo” deles (“Fazia até nojo pessoas importantes se ocuparem com semelhantes porcarias”). Porém, ao contrário do que pareceu a esses candidatos, tal conhecimento acerca de sua exploração e o acesso de raiva que Fabiano parece ter introspectivamente é mais uma evidência do seu conformismo: ele sabia que Sinhá Vitória tinha razão nas contas e não discutia com o patrão, sabia que todos os que se aproveitavam moral e economicamente dele estavam errados, mas, apesar de saber de tudo isso, não conseguia mudar seu destino por temer as conseqüências na sua vida e na vida de seus familiares. Aí está o conformismo do personagem: Fabiano é incapaz de agir diante de tantas injustiças, por isso aceita sua condição. No item **b**, o candidato precisava evidenciar sua leitura integral da obra, por isso não foram aceitas respostas genéricas acerca da expressão “homens ricos”, que deveria ser explicada a partir de elementos do livro. Muitos personagens podem se encaixar nessa categoria dos homens ricos, uma vez que, como já vimos no item **a**, muitos são aqueles que rebaixam e exploram economicamente o personagem Fabiano. Esperava-se que o candidato mencionasse personagens da narrativa e que os momentos em que eles exploraram Fabiano fossem indicados para evidenciar o conhecimento do enredo, conforme solicitado no enunciado da questão (ver exemplo acima da média). Assim, respostas que indicavam que os “homens ricos” eram “senhores com muitas terras”, “com muito dinheiro”, que “sabiam usar a linguagem”, não estavam de acordo com o esperado.

## 12.

O trecho abaixo pertence ao capítulo XXII (“Empenhos”), de *Memórias de um Sargento de Milícias*.

Isto tudo vem para dizermos que Maria-Regalada tinha um verdadeiro amor ao Major Vidigal; o Major pagava-lho na mesma moeda. Ora, D. Maria era uma das camaradas mais do coração de Maria-Regalada. Eis aí porque falando *dela* D. Maria e a comadre se mostraram tão esperançadas a respeito da sorte do Leonardo.

Já naquele tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empenho, o compadresco, era uma mola real de todo o movimento social.

(Manuel Antonio de Almeida, *Memórias de um Sargento de Milícias*.  
Mamede Mustafá Jarouche (org.). Cotia: Ateliê Editorial, 2000, p.319.)

a)

Explique o “defeito” a que o narrador se refere.

b)

Relacione o “defeito” com esse episódio, que envolveu o Major Vidigal e as três mulheres.

## Resposta Esperada

### a) (2 pontos)

Tal "defeito" diz respeito à prática, muito comum na vida social de nosso país, de recorrer às influências pessoais, próprias da esfera privada, em questões públicas, como modo de burlar normas e leis, a fim de conquistar vantagens econômicas, políticas ou sociais. Trata-se do privilégio dado às relações cordiais, de compadrio e favor, em lugar da valorização do mérito, da autoridade e do cumprimento das leis.

### b) (2 pontos)

O referido "defeito" encontra-se ilustrado na ação que envolve o Major Vidigal e as três personagens femininas. D. Maria sabe que a amiga Maria-Regalada tivera, no passado, uma relação amorosa com Major Vidigal e que ambos continuam a manter uma paixão recolhida no presente. D. Maria sabe também da fraqueza do Major face aos apelos femininos, sobretudo, quando esses apelos partem da mulher amada. Por isso, D. Maria vai, na companhia da comadre, à casa de Maria-Regalada pedir a esta que se valha de sua influência sobre o Major para interceder a favor de Leonardo, que se encontrava, então, na prisão. Trata-se, portanto, de um exemplo claro do uso das influências pessoais para burlar a lei. As três, em comissão, voltariam a se valer dessa influência logo adiante, para conseguirem a promoção de Leonardo a Sargento de Milícias, de modo que este pudesse casar-se com Luisinha.

## Exemplo Acima da Média

a) O "defeito" a que o autor se refere é a "troca de favores" existente na sociedade da época (bem como na atual) na qual nem sempre a lei ou as normas são levadas em consideração. Muito pelo contrário, em nome de uma amizade esquece-se a lei e satisfaz-se a vontade pessoal de quem pede um favor. O autor faz referência ao popular "jeitinho brasileiro".

b) Neste episódio as três mulheres vão até o major Vidigal pedindo para que este intercedesse em favor de Leonardinho, que pela lei deveria ser preso. As três senhoras pedem o favor ao major em ~~to~~ nome de um antigo romance existente entre o major e Maria Arregalada. O major vacila cedendo ao pedido e vai morar com a namorada. Enquanto Leonardinho se torna Sargento de Milícias.

## Exemplo Abaixo da Média

a) O defeito, o qual o texto se refere, é o da poligamia. Uma pessoa com vários(as) companheiros(as).

b) O Major Vidigal se envolveu com três mulheres ao mesmo tempo, exercendo a poligamia que era o tal defeito.

## Comentários

As respostas dos alunos variaram muito nessa questão. O trecho reproduzido ajudava muito na resolução do item **a**, uma vez que nele já havia a explicação do “defeito” a que se refere o narrador: o fato de as pessoas burlarem a lei para proteger/ajudar/beneficiar parentes/amigos/conhecidos. Nesse caso, o beneficiado é Leonardo, que não só escapará do castigo que lhe fora imposto pelo Major Vidigal, como se tornará sargento de milícias. A responsável pelo “defeito” é Maria Regalada, mulher que nutria grande sentimento pelo Major Vidigal, o qual, como mostra o próprio trecho, “pagava-lho na mesma moeda”, ou seja, correspondia àquele sentimento. D. Maria e a comadre, tendo conhecimento do relacionamento do Major com Maria Regalada, sabiam que, com a promessa de uni-los, poderiam persuadir o Major a interceder por Leonardo na prisão e é o que acontece: o Major tem de volta sua paixão e, em troca, liberta Leonardo. São os interesses pessoais interferindo no cumprimento da lei, promovendo um movimento social de ascensão àqueles que desse “defeito”, desse “compadresco” se beneficiam.

No item **b**, o candidato deveria, mais uma vez, evidenciar seu conhecimento integral da narrativa de *Memórias de um sargento de milícias*. Muitos candidatos, ao verem mencionadas “três mulheres” no enunciado da questão, imediatamente pensaram tratar-se de um caso de triângulo amoroso, uma história de adultério, libertinagem ou outras coisas do gênero. O importante nesse item era o candidato mostrar que o “defeito” – a atitude de beneficiar alguém, burlando as leis e permitindo que esse alguém ascenda socialmente – ocorre graças à ação das três mulheres: D. Maria atua juntamente com a comadre para convencer Maria Regalada a interceder por Leonardo junto ao Major.